

Identidad del ser enfermero en la perspectiva de estudiantes de grado de enfermería

Identity of being a nurse according to the nursing undergraduate students' perspectives

Identidade do ser enfermeiro na perspectiva de graduandos de enfermagem

Thaís Araújo da Silva¹, Genival Fernandes de Freitas², Taka Oguisso³

¹Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da EEUSP. Correo electrónico: taarsi2@hotmail.com

²Livre Docente, Departamento de Orientação Profissional da Escola de Enfermagem da USP. Líder do Grupo de Pesquisa História e Legislação da Enfermagem (EEUSP). Correo electrónico: genivalf@usp.br

³Enfermeira. Titular da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (aposentada). Líder do Grupo de Pesquisa História e Legislação da Enfermagem – ENO/EEUSP/CNPq. Correo electrónico: v takaoguisso@uol.com.br

Cómo citar este artículo en edición digital: Silva, T.A., Freitas, G.F. & Oguisso, T. (2019). *Identidad del ser enfermero en la perspectiva de estudiantes de grado de enfermería*. *Cultura de los Cuidados (Edición digital)*, 23 (54). Recuperado de <http://dx.doi.org/10.14198/cuid.2019.54.12>

Correspondencia: Endereço Rua Antônio Albergaria Pereira, 1060 – CEP 13065-010 – Campinas. São Paulo – SP. Brasil. Telefones contato: 55-19-9 8444 5433

Correo electrónico de contacto: taarsi2@hotmail.com

Recibido: 09/12/2018; Aceptado: 21/04/2019



ABSTRACT

This article aims to understand perceptions and meanings attributed to the identity of the being a nurse, according to the Nursing students from a private institution of higher level within the city of São Paulo. An exploratory investigation was made using the Thematic Oral History method. Therefore, fifteen students of the Nursing undergraduate course were interviewed in 2015. Their words were analyzed under Claude Dubar's view. It was noted that, despite being newly entered students, they had been working as nursing

auxiliares or technicians, aspects related to the professional identity have characterized certain crisis. Their statements brought some revealing ambiguities related to the nurses' job, as well the recognition of their role to the society, such as those statements that have shown some idealistic connotations about being a nurse (mission, vocation, dedication, among others).

Keywords: History of nursing, nurse's role, nurses, ego.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo

compreender as percepções e significados atribuídos à identidade do *ser enfermeiro* na perspectiva de estudantes de Enfermagem, em uma Instituição de Ensino Superior privada, do município de São Paulo. Foi feita uma investigação exploratória, utilizando o método da História Oral Temática. Sendo assim, foram entrevistados quinze graduandos de Enfermagem, no ano de 2015, cujos discursos foram analisados sob a ótica de Claude Dubar. Percebeu-se que, mesmo sendo ingressantes e alguns já serem profissionais da área como auxiliares e/ou técnicos de enfermagem, os aspectos relacionados à identidade profissional em certos momentos caracterizaram crises, cujos discursos trouxeram enunciados reveladores de ambigüidades relacionadas ao trabalho do enfermeiro e do reconhecimento de seu papel perante a sociedade, como aqueles discursos que retrataram conotações idealistas do ser enfermeiro (missão, vocação, dedicação, dentre outros).

Palavras chave: História da enfermagem, papel do profissional de enfermagem, enfermeiras e enfermeiros, ego.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender las percepciones y significados atribuidos a la identidad del ser enfermero en la perspectiva de estudiantes de Enfermería, en una institución privada de enseñanza superior de la municipalidad de São Paulo. Se trata de investigación exploratoria, utilizando el método de la Historia Oral Temática. Siendo así, fueron entrevistados quince estudiantes de Enfermería, en el año 2015, cuyos discursos fueron analizados sobre la óptica de Claude Dubar. Se percibió que, aun siendo ingresantes y algunos ya son profesionales del área como auxiliares y técnicos de

enfermería, los aspectos relacionados a la identidad profesional en ciertos momentos caracterizaron crisis, cuyos discursos trajeron enunciados reveladores de ambigüidades relacionadas al trabajo del enfermero Y el reconocimiento de su papel ante la sociedad, como aquellos discursos que retrataron connotaciones idealistas del ser enfermero (misión, vocación, dedicación, entre otros).

Palabras clave: Historia de la enfermería, rol de la enfermera, enfermeros, ego.

INTRODUÇÃO

A identidade do indivíduo está atrelada a transmutações no cotidiano ao longo da trajetória de vida. Essas mudanças ocorrem no campo individual e social, dentro de uma dinâmica entre o passado, presente e futuro. Dessa forma, em cada momento da vida, o indivíduo desempenha um papel, ou seja, um personagem, de acordo com sua cultura e o que vivencia no momento (Ciampa, 1983). Assim, a identidade pode ser analisada pelo ponto de vista biográfico (como o próprio indivíduo se vê) ou dentro dos processos relacionais (o modo como o outro percebe esse indivíduo). Portanto, ambas as categorias (biográfica e relacional) estão intimamente ligadas (Dubar, 2005).

O conceito de identidade profissional é heterogêneo, pois cada campo de conhecimento profere divergentes pontos de vista na constante busca em revelar a dicotomia entre o profissional e o indivíduo (Dubar, 2012).

A temática sobre a identidade profissional, no caso da Enfermagem, faz-se presente e necessária, tendo em vista que essa discussão envolve o que significa *ser enfermeiro* e o que esse profissional faz no contexto social.

Desse modo, breve revisão de literatura foi feita no portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no período de novembro e dezembro de 2016, a qual possibilitou o levantamento de estudos acerca da identidade profissional do enfermeiro. Dentre eles, destacam-se três pesquisas interessantes a respeito da temática. A primeira foi constituída por uma pesquisa histórico-social no período de 1973 e 1977, com o objetivo de analisar a contribuição das enfermeiras norte-americanas do Projeto HOPE (*Health Opportunity for People Everywhere*) referente à configuração da identidade profissional das primeiras enfermeiras formadas em Alagoas. Nesse estudo, foram entrevistados 13 participantes (professores e colaboradores) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Os resultados demonstraram que a participação das enfermeiras americanas contribuiu para configurar uma identidade profissional singular das primeiras enfermeiras formadas na Universidade citada à época, concebida pelo entrelaçamento de culturas e por meio das relações de poder (Costa *et al.*, 2014).

O segundo estudo apontou para a visão discente sobre a identidade profissional do enfermeiro. Assim, foi feito um estudo descritivo-exploratório na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); 11 discentes do curso de Enfermagem participaram da pesquisa. Constatou-se que a identidade profissional do enfermeiro esteve atrelada ao papel do enfermeiro como líder, educador, que possui um arcabouço sólido de conhecimento técnico-científico, além de que, necessita ser empático (Pinto *et al.*, 2014).

O terceiro estudo selecionado desenvolveu uma pesquisa sócio-histórica, no qual foram entrevistados 16 egressos do primeiro Curso de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal do Rio Grande do

Norte (UFRN). Os resultados demonstraram que, embora a perspectiva da identidade profissional do enfermeiro estivesse permeada por uma ideologia peculiar de cada entrevistado, o significado do *ser enfermeiro* esteve arraigado no entendimento do cuidado (Teodosio, Padilha, 2016).

Os estudos supracitados tratam da temática proposta no presente estudo e, por essa razão, são de extrema importância para refletir a respeito da identidade profissional do enfermeiro que esteve muito vinculada à simbologia da vocação por mais de um século e foi construída sob a influência de uma visão moralista⁷. Essa influência talvez persista até os dias atuais na formação em Enfermagem, tanto nas instituições de ensino superior, como nas profissionalizantes. Assim, ao olhar para a História da Enfermagem de forma crítica e reflexiva, vê-se que a formação do enfermeiro enfatizou a conduta e a moral, por vezes em detrimento do conhecimento técnico da Enfermagem (Gastaldo, Meyer, 1989).

Isto posto, o presente estudo tem como objeto de investigação as percepções e significados atribuídos à identidade do *ser enfermeiro* a partir das experiências de estudantes de Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada do município de São Paulo.

Destarte, diversos questionamentos suscitaram, afluindo para a seguinte questão norteadora: quais são as percepções e significados atribuídos por graduandos de Enfermagem de uma IES privada ao *ser enfermeiro* e ao *fazer* desse profissional na perspectiva desses sujeitos? Visando buscar respostas a tal questionamento, foi delineado o seguinte objetivo: conhecer e compreender as percepções e significados atribuídos à identidade do *ser enfermeiro* a partir das experiências de estudantes de

Enfermagem de uma IES privada no município de São Paulo.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo histórico-social, qualitativo, exploratório, pautado no método da História Oral, no qual foram utilizadas técnicas baseadas em depoimentos de pessoas e escritas para a obtenção de dados (Meihy, Holanda, 2013).

Na presente pesquisa, optou-se pela História Oral Temática, pois esta atende melhor ao objetivo do estudo, uma vez que traduz a expressão e opinião do entrevistado sobre um fato ocorrido (Alberti, 2013).

Foram entrevistados quinze graduandos de Enfermagem, sendo oito do primeiro semestre e sete do segundo semestre, por meio de entrevista semiestruturada, realizada individualmente, após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, com idade igual ou superior a 18 anos, de uma IES localizada na região central do município de São Paulo, no período de março a junho de 2015. As entrevistas foram gravadas com o apoio de suporte digital e, em seguida, transcritas e transcriadas (Meihy, Holanda, 2013). Além disso, optou-se pelo uso de um caderno de campo a fim de registrar as impressões do entrevistador, as quais foram incorporadas no momento de se transcrever os conteúdos de cada entrevista.

Como critérios de inclusão, foram definidos que residissem no município de São Paulo ou na região metropolitana. Optou-se por ambos os sexos e, também, aqueles participantes que atuavam em diferentes profissões/funções, inclusive aqueles que atuavam como técnicos ou

auxiliares de enfermagem.

As entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade do participante e realizadas em ambiente fornecido pela própria instituição, com o prévio consentimento da coordenação do curso e após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CAE: 31704214.5.0000.5392).

De posse dos dados empíricos, a análise pautou-se na teoria de Claude Dubar, que possibilita identificar os modelos identitários no contexto estudado.

Todos os participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de forma voluntária, após esclarecimento da proposta de investigação. Foi assegurado o anonimato, a privacidade e o sigilo absoluto das informações e os entrevistados foram identificados por meio de uma sequência numérica arábica (por exemplo: P1, P2, P3, etc.).

REFERENCIAL TEÓRICO

A escolha do referencial de Claude Dubar, no presente estudo, justifica-se pelo fato desse autor jogar luzes nas variâncias das formas identitárias profissionais. Tal autor define identidade como “resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”. É desenvolvida na infância pelo processo de socialização familiar e escolar e, posteriormente, na socialização profissional (Dubar, 2005, p. 136).

Assim, na dinâmica de interação com diversos meios ou grupos, ocorrem os processos biográficos que se traduzem na identidade para si (definição de si), à qual se apoia nas identidades herdadas, porém

passa a sofrer mutações com a entrada no mercado de trabalho. Esse período é estabelecido na transição da adolescência para a vida adulta e permite a desenvoltura dos processos relacionais (identidade para o outro/rotulagem por outrem) (Dubar, 2009).

No cerne da teoria de Dubar, compreende-se um modelo proposto por ele, cujas análises dos processos de identificação confluem na composição identitária. Assim, dentro do chamado processo relacional, existem as categorias sinópticas, a saber: identidade para o outro, atos de atribuição (que tipo de mulher/homem você é), identidade social virtual, transação objetiva (identidades atribuídas/propostas; identidades assumidas/incorporadas) (Dubar, 2005).

Concomitantemente a cada categoria sinóptica supracitada, o processo biográfico compreende: identidade para si, atos de pertencimento (que tipo de mulher/homem você quer ser), identidade social real,

transação subjetiva (identidades herdadas; identidades visadas) (Dubar, 2005).

Assim, com base nos pressupostos teóricos de Dubar, foram escolhidos fragmentos de discursos dos participantes, a fim de construir a rede de significados que revela a heteroglossia dos mesmos no tocante ao *ser enfermeiro*.

RESULTADOS

Foram criadas duas categorias: A identidade para si do ser enfermeiro e identidade para o outro em relação à escolha profissional.

A primeira categoria revelou a percepção dos participantes em relação ao profissional enfermeiro como um indivíduo em sociedade, exteriorizando uma identidade pessoal e profissional percebida para si. Assim, essa identidade foi traduzida em cinco tópicos apresentados no Quadro 1:

QUADRO 1: Distribuição das categorias e dos discursos inerentes à identidade para si do *ser enfermeiro*. São Paulo, SP, Brasil, 2015

CATEGORIA	DISCURSOS
É um profissional importante, que cuida, zela e salva vidas	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Ser enfermeiro é uma honra (...). É ter uma consciência, de poder cuidar do próximo, ter amor, ter zelo, (...) é honrar aquilo que você faz à pátria (...) (P1). ◦ Além de cuidar, zela e salva vidas (P3). ◦ É basicamente cuidar (P4). ◦ Ser enfermeiro para mim é ter amor à vida e ao próximo (P5). ◦ Salva vida (P6). ◦ O enfermeiro é uma pessoa muito importante para a sociedade, algo que não pode faltar, todo mundo precisa (P12). ◦ Cuida do próximo (P13). ◦ O enfermeiro acaba sendo o porto seguro daquela pessoa que está necessitando de cuidado (P14).
Ser enfermeiro é doação e dedicação	<ul style="list-style-type: none"> ◦ É poder se doar total para ajudar outras pessoas. Ter dedicação (P9). ◦ É doar uma parte de si do seu tempo (P10).
Profissional que cuida de forma holística	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Ser enfermeiro é cuidar de um todo da pessoa, tanto da parte física quanto mental do paciente (P8).

Profissional que tem grande responsabilidade	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Ser enfermeiro é uma responsabilidade muito grande (P11). ◦ O enfermeiro é a peça-chave do quebra cabeça e tem grande responsabilidade (P15).
Profissional que detém o poder	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Sempre tive uma figura muito distorcida do enfermeiro, como um mandão, um chefe. (...). Quando o enfermeiro se forma, ele incorpora um grau de superioridade sobre outros profissionais, assim, ele passa a tratar o auxiliar e o técnico como se fosse o faxineiro dele (P7).

A segunda categoria -identidade para o outro- traz resultados do questionamento feito aos participantes da pesquisa sobre

aceitação ou negação da escolha profissional pela Enfermagem apontados no Quadro 2:

QUADRO 2: Distribuição das categorias e dos discursos inerentes à identidade para o outro frente aos desafios da escolha profissional. São Paulo, SP, Brasil, 2015

CATEGORIA	DISCURSOS
Enfermeiro como missionário do cuidado	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Eles veem o enfermeiro como um missionário do cuidado ao próximo (P5).
Empregabilidade	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Minha mãe sempre insistiu muito para eu fazer o curso de enfermagem, alegando ser uma área boa, que tem emprego (P14).
Profissional que trabalha excessivamente	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Quando resolvi fazer a faculdade de enfermagem, uns falaram: “Que loucura! Depois que você começou a fazer enfermagem, mal tem tempo para nós”. (...). “Você vai ficar praticamente num plantão doze horas. E seu noivo? Futuramente você vai casar?” (P1). ◦ Alguns falaram: “Ah, isso não é vida! Plantão de doze horas! Você não terá tempo para sua família! Você vai querer uma família no futuro?” (P3).
Enfermeira como representante da mulher de vida fácil	<ul style="list-style-type: none"> ◦ No momento da escolha pela faculdade de enfermagem, foi difícil porque tem aquela coisa do mal visto, no sentido da pornografia (P2). ◦ Quando comecei a faculdade de enfermagem, eu era casada e meu marido não aceitava. Ele dizia que enfermeira era “lanche” de médico (P13).
Profissional não reconhecido	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Os amigos do meu serviço falaram que eu era louca. (...). Meu pai, meu irmão e minha irmã não aprovaram; falavam que essa área não era reconhecida (P8). ◦ Minha mãe dizia: “É isso mesmo que tu quer? Porque não é uma área reconhecida como deveria” (P9).
Profissional mal remunerado	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Meus colegas falaram: “Ah, enfermagem? Vá fazer engenharia ou direito que dá dinheiro” (P7). ◦ Os vizinhos e meus amigos falaram: “Nossa! Tanta coisa pra você fazer, você vai fazer enfermagem? Não dá dinheiro!” (P12).

DISCUSSÃO

Os discursos dos participantes da pesquisa (Quadro 1), revelaram uma *identidade para si*,

destacando que o enfermeiro é *um profissional importante, que cuida, zela e salva vidas*. Nessa direção, o presente estudo

retrata a teoria humanista, cujo enfoque está no cuidado praticado pelo enfermeiro, revelando a existência de um vínculo que transcende a relação sujeito-objeto (Paterson, Zderad, 1976).

Observa-se forte conotação ideológica no discurso do P1 quando diz que ser enfermeiro é honrar aquilo que você faz à pátria, em conformidade com o pensamento de Parsons, (1997, p. 18) que afirma que “as interessadas no curso de Enfermagem veem a profissão não somente como meio de vida, mas por motivos e ideais mais elevados de se prepararem para um grande serviço patriótico e humanitário”.

A ideologia da enfermeira como patriota é algo histórico, pois no contexto da Segunda Guerra Mundial, em que foram enviadas 73 enfermeiras para a Itália em 1944, junto à Força Expedicionária Brasileira, para cuidar dos soldados, denota-se esse imaginário social sobre a enfermeira que simbolizava a Pátria-Mãe, ou seja, aquela que estendia os cuidados maternos aos soldados no *front* de guerra (Cytrynowicz, 2000).

Na categoria *ser enfermeiro é doação e dedicação*, os discursos dos participantes P9 e P10 evidenciam que o legado da Enfermagem está embasado na origem ideológica da Enfermagem brasileira, no qual era permeada por uma atuação caritativa (Oguisso *et al.*, 2011). Tal conotação da profissão advém da Enfermagem pré-profissional, como uma prática social pautada na bondade e no altruísmo (Oguisso *et al.*, 2011).

O discurso do P8 retrata o enfermeiro como um *profissional que cuida de forma holística*. Nessa direção, vale pontuar que o cuidado ao ser humano caracteriza-se nas práticas dos profissionais de Enfermagem e circunda o cuidado integral do indivíduo no que tange à promoção, prevenção e tratamento da saúde, englobando o

indivíduo como um todo, ou seja, na construção biológica e mental do ser (Beserra *et al.*, 2014).

Referente ao discurso do colaborador P11, no tocante à categoria - *profissional que tem grande responsabilidade* - reflete que a profissão do enfermeiro, bem como suas atribuições, requer um agir comprometido com ética profissional. É considerável ressaltar que esse participante já atuava como auxiliar de enfermagem e possuía cursos em outras áreas que abrangiam a saúde. Neste sentido, a identidade de um profissional está interligada ao processo de socialização e interação entre os indivíduos que pode estar associada ao ambiente familiar, escolar, do trabalho, entre outros (Dubar, 2005). Assim, o fato do participante já ter tido contato com a área da saúde, permitiu que ele observasse o ambiente de trabalho do enfermeiro, formando para si, uma definição das atividades desse profissional.

O fragmento do discurso do colaborador P7 difere do contexto da essência do trabalho do enfermeiro, tão difundido pelo cuidado, responsabilização e doação, como se observa na categoria - *profissional que detém o poder*. Esse olhar pode estar associado à divisão técnica do trabalho de Enfermagem, a qual é originária do século XIX, à época da criação da Enfermagem moderna ou profissional, que ocorreu por conta do cuidado direto ao doente ser considerado inapropriado para mulheres de classe social elevada (Gastaldo, Meyer, 1989). Portanto, as categorias de *nurses* e *ladies nurses* foram criadas para dizer quem eram e de onde provinham socialmente. As *nurses* eram treinadas para realizar o trabalho manual junto ao paciente e as *ladies nurses* estavam voltadas ao trabalho intelectual, administrativo e supervisão do ensino (Oguisso, 2014).

Nos sistemas produtivos, em geral, existem os trabalhos considerados como 'serviços sujos' e as funções de elite. Os primeiros são desvalorizados e os segundos são tidos como atribuições nobres e executadas por pessoas qualificadas (Dubar, 2012). Desse modo, o discurso produzido pelo P7 traz essa diferenciação do trabalho do enfermeiro com o trabalho do auxiliar de enfermagem, traduzindo aquilo que o autor relata como atividades excluídas do sistema, ou seja, relacionadas às pessoas que fazem trabalhos pesados Dubar, C. (2012). Nesse sentido, existe uma relação de poder, pois este abrange um fenômeno interacionista que flui continuamente em todas as fases de vida e em todos os espaços da vida social no dia a dia (Brígido, 2013).

O Quadro 2 serviu como subsídio para investigar a *identidade profissional do enfermeiro sob a ótica do outro*, presente nos discursos dos participantes.

No tocante à opção pela profissão da Enfermagem, apenas os dois primeiros discursos (P5 e P14) puderam ser considerados positivos. Por outro ângulo, os discursos subsequentes demonstraram a dificuldade da aceitação pelos familiares e/ou amigos inerente à escolha profissional da Enfermagem pelo participante da pesquisa, por motivos diversos.

Cabe pontuar que, os discursos dos entrevistados que disseram não ter tido problema quanto à escolha profissional da Enfermagem, não evidenciaram uma caracterização concreta da identidade para o outro; apenas um discurso salientou que a escolha profissional foi bem aceita pelos familiares e entes queridos. Isso pode ser ratificado na categoria *enfermeiro como missionário do cuidado*, no qual evidencia assertividade pela escolha da profissão eleita pelo participante. Essa concepção religiosa perpassa historicamente o *ser*

enfermeiro, remontando à escolha pela Enfermagem por Florence em razão do Chamado de Deus, no qual ela relatava que sua missão era ser enfermeira por designação divina (Kauati, 2014). Esse Chamado de Deus, conceituado por Florence, foi traduzido por ela mesma como vocação. Tal ideologia fora transferida para as enfermeiras inglesas, americanas, canadenses e, posteriormente, trazida para a América Latina (Kauati, 2014).

Um dos participantes relatou que uma das motivações referida por sua mãe foi a empregabilidade, criando-se assim, uma categoria. A mãe desse colaborador (P14) trabalha como técnica de enfermagem em uma instituição hospitalar; sendo assim, ela possui vivência na profissão e, por trabalhar junto aos enfermeiros, pôde identificar que a área da Enfermagem dispõe de um leque com variados caminhos a seguir.

Em contrapartida, os discursos seguintes relacionam-se à recusa ou não aceitação da escolha profissional pelo grupo social no qual se inserem os participantes do estudo. Com isso, emergem vestígios de uma identidade do enfermeiro como um *profissional que trabalha excessivamente*, sendo isso discutido nas falas dos participantes P1 e P3.

O fato da profissão de Enfermagem estar inserida em um contexto de cuidado ininterrupto, logo requer uma assistência em período integral, no qual inclui plantões aos finais de semana, noturnos e feriados (Silva Neto *et al.*, 2015).

Outro ponto que marca a fala nos discursos é que as enfermeiras são vistas de maneira estereotipada na categoria *enfermeira como representante da mulher de vida fácil*. A historiografia pode explicar o motivo dessa imagem trivial da enfermeira ter sido concebida, pois antigamente essa profissão era exercida predominantemente pelas

mulheres e era uma atividade considerada eminentemente manual e socialmente desvalorizada (Santos, Luchesi, 2002).

A categoria *profissional não reconhecido* demonstra que a profissão de Enfermagem é invisível à sociedade. Nesta perspectiva, para que uma profissão seja legitimada ela precisa ter um mandato, ou seja, o reconhecimento social (Dubar, 2005).

Ainda no tocante à identidade para o outro emergiu a categoria *profissional mal remunerado*. Nessa dimensão, sabe-se que a satisfação no trabalho está interligada ao fator salário, não como um aspecto isolado, mas caracterizada como um incentivo ao trabalho do indivíduo.

Frente ao contexto, é possível conjecturar que o *ser enfermeiro* se desvela a partir de cenários complexos mediante a trajetória individual dos protagonistas que fazem História ao longo dos tempos. Assim, é fundamental compreender as inter-relações sociais, principalmente no campo profissional, uma vez que tais elementos podem contribuir para caracterizar uma identidade do enfermeiro que permita o reconhecimento dessa profissão.

CONCLUSÃO

As questões relativas à identidade do enfermeiro foram objeto de estudo nessa pesquisa, visto que existe a necessidade em aprofundar-se nesse tema, pois a Enfermagem vem se destacando no mercado de trabalho e vem ganhando espaços que anteriormente não ocupavam e, assim, torna-se fundamental que tal profissão seja afirmada e reconhecida socialmente. Contudo, esse reconhecimento social se desvela a partir do momento em que se investiga uma realidade que permitirá desvendar possíveis desdobramentos presentes e tecer um

futuro.

Os discursos dos participantes desta pesquisa foram essenciais para compreender a construção da identidade profissional acerca do *ser enfermeiro* a partir de uma dimensão individual e coletiva. Mesmo sendo ingressantes e alguns já serem profissionais da área como auxiliares e/ou técnicos de enfermagem, os aspectos relacionados à identidade profissional em certos momentos caracterizaram *crises*. Tais discursos trouxeram enunciados reveladores de ambiguidades relacionadas ao trabalho do enfermeiro. Outro aspecto verificado foi o reconhecimento do papel do enfermeiro perante a sociedade, como aqueles discursos que retrataram conotações idealistas do *ser enfermeiro* (missão, vocação, dedicação, dentre outros).

Seria necessário e importante que outros trabalhos fossem realizados nessa mesma direção, a partir de novos questionamentos, permitindo-se assim, observar novos olhares e outras formas de reinterpretar os achados desse estudo e, conseqüentemente, gerar resultados diferenciados dos apresentados.

A contribuição dos dados demonstrados amplia o debate sobre a constante luta pelo reconhecimento e (re)construção de uma identidade profissional, pela qual o enfermeiro passa, continuamente, em busca de uma imagem que possa corresponder aos seus anseios, para conferir-lhe não somente direitos, mas, sobretudo, mais autonomia e respeito.

REFERÊNCIAS

- Alberti, V. (2013). *Manual de história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV.
- Beserra, E. P., Braga, V. A. B., Alves, M. D. S., Moreira, R. V. O., Ramos, I. C. & Oliveira, F. C. (2014). Sofrimento humano e cuidado de enfermagem:

- múltiplas visões. *Esc. Anna Nery Rev*, 18(1), 175-80. DOI: <https://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20140026>.
- Brígido, E. I. (2013). Michel Foucault: uma análise do poder. *Rev. Direito Econ. Socioambiental*, 4(1), 56-75. Recuperado de 10.7213/rev.dir.econ.socioambiental.04.001.AO03.
 - Ciampa, A. C. (1983). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
 - Cytrynowicz, R. (2000). A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. *Hist Ciênc Saúde-Manguinhos*, 7(1), 73-91. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702000000200004>.
 - Costa, L. M. C., Santos, R. M., Santos, T. C. F., Trezza, M. C. S. F. & Leite, J. (2014). Project HOPE contribution to the setting up of the professional identity of the first nurses from Alagoas, 1973-1977. *Rev. Bras. Enferm*, 67(4), 535-2. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2014670406>.
 - Dubar, C. (2005). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes.
 - Dubar, C. (2009). *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: Edusp.
 - Dubar, C. (2012). A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Cad Pesqui*, 42(146), 351-67. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742012000200003>.
 - Gastaldo, D. M. & Meyer, D. E. (1989). A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. *Rev Bras Enferm*, 42(1-4), 7-13. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71671989000100002>.
 - Kauati, A. (2014). Análise Conscienciométrica de Florence Nightingale. *Glasnost*, 1(1). Recuperado de <https://www.conscious.org.br/revistaglasnost/index.php/Glasnost/article/view/3/3>.
 - Luchesi, L. B. & Lopes, G. T. (2011). História oral. In: Oguisso T, Souza Campos PF, Freitas GF, organizadores. *Pesquisa em História da Enfermagem* (pp. 401-56). 2.ª ed. Barueri: Manole.
 - Meihy, J. C. S. B., Holanda, F. (2013). *História oral: como fazer, como pensar*. 2.ª ed. São Paulo: Contexto.
 - Oguisso, T., Campos, P. F. S., Moreira, C. A. (2011). Enfermagem pré-profissional no Brasil: questões e personagens. *Enfermagem em Foco*, Supl. 2: S, 368-72. Recuperado de <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/85>.
 - Oguisso, T. (2014). As origens da prática do cuidado. In: Oguisso, T. *Trajetória histórica da enfermagem* (pp. 123-46). 1.ª ed. São Paulo: Manole.
 - Parsons, E. (1997). A enfermagem moderna no Brasil. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, 1(n. esp.), 10-24.
 - Paterson, J. G. & Zderad, L. T. (1976). *Humanistic nursing*. 2nd ed. New York: National League for Nursing.
 - Pinto, D. P. S., Câmara, A. G., Malveira, F. A. Z., Valença, C. N., Germano, R. M. & Ferreira Junior, M. A. (2014). A visão discente sobre a identidade profissional do enfermeiro. *Rev Iberoamericana de Educación e Investigación em Enfermería*, 4(3), pp. 36-42. Recuperado de <http://www.enfermeria21.com/revistas/aladefe/articulo/132/>.
 - Santos, C. B. & Luchesi, L. B. (Maio, 2002). A imagem da enfermagem frente aos estereótipos: uma revisão bibliográfica. Em: *Procedimentos do 8º Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem*, São Paulo, SP. Recuperado em <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/sibracen/n8v2/v2a073.pdf>.
 - Silva Neto, J. A., Torres, C. R. D., Feitosa, K. V. A., Oliveira, M. T. G., Torres, J. R. D. (2015). Aspectos jurídicos da jornada de trabalho em enfermagem: reflexão teórica. *Rev de Enfermagem da UFPI*, 4(3), 95-8. Recuperado de <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/2368>.
 - Teodosio, S. S. C., Padilha, M. I. (2016). "To be a nurse": a professional choice and the construction of identity processes in the 1970s. *Rev Bras Enferm*, 69(3), 401-7. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2016690303i>.